

Monitorização dos impactos turísticos: uma proposta de modelo aplicável a territórios em mudança

Mónica Belchior Morais de Brito

Instituto Piaget - ISEIT Santo André e Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

mbrito@standre.ipiaget.org

Resumo:

O turismo é um fenómeno que faz circular anualmente milhões de pessoas pelo planeta, movidas por um vasto conjunto de motivações que, porque cada vez mais sofisticadas, informadas, experientes e exigentes, procuram uma experiência turística de elevada qualidade, dependendo a competitividade dos destinos da sua capacidade de adequação, adaptação e de mudança, processos que nem sempre obedecem a um modelo de desenvolvimento turístico sustentável. Neste contexto, propõe-se a construção de um Observatório para a Sustentabilidade Turística (OST) norteado pelo objetivo de monitorizar e prospectivar o desenvolvimento turístico num determinado território, numa perspetiva de sustentabilidade, de forma a minimizar os impactos negativos e a maximizar as suas potenciais mais-valias.

Palavras-chave: Turismo sustentável. Desenvolvimento turístico. Monitorização. Avaliação.

Résumé:

Monitoring impacts of tourism: a proposed model applicable to the territories changing

Le tourisme est un phénomène qui fait circuler chaque année des millions de personnes autour du planète, poussées par un ensemble de motivations, de plus en plus sophistiquées, informées, exigeantes et expérimentés, elles recherchent une expérience touristique de haute qualité en fonction de la compétitivité des destinations, de sa capacité de persistance, d'adaptation et de changement, processus qui n'obéissent pas toujours à un modèle de développement durable du tourisme. Dans ce contexte, il se propose à la construction d'un observatoire pour le tourisme durable (OST) guidée par l'objectif de monitoring et de prévoir le développement touristique dans un territoire donné, afin de minimiser les impacts négatifs et maximiser ses potentiel avantage, dans un point de vue de durabilité.

Mots-clés: Tourisme durable. Développement touristique. Monitoring. Evaluation.

Abstract:

Monitoring impacts of tourism: a proposed model applicable to the territories changing

Tourism is a phenomenon that circulates every year millions of people around the globe, driven by a wide range of motivations, because increasingly sophisticated, informed, discerning and experienced, these people are looking for a high quality tourist experience, depending on the competitiveness of destinations of their ability to adjust, adapt and change, processes that do not always conform to a model of sustainable tourism development. In this context, it is proposed the construction of an Observatory for Sustainable Tourism (OST) guided by the goal to monitor and prospective tourism development in a certain territory with a sustainability view, in order to minimize negative impacts and maximize their potential gains.

Keywords: Sustainable tourism. Tourism development. Monitoring. Evaluation.

Introdução

O crescente protagonismo do turismo na sociedade global, e a postura adotada pelos destinos na senda do sucesso, remetem-nos para o conceito de sustentabilidade e para a sua aplicação a este fenómeno. O conceito de “turismo sustentável” é relativamente recente, emergindo a sua discussão na década 90. No entanto, a sua base teórica está relacionada com o conceito mais amplo de “desenvolvimento sustentável” constante no *Relatório Brundtland* de 1987, definindo-o a OMT (1998) como aquele que é ecologicamente suportável a longo prazo, economicamente viável, assim como ética e socialmente equitativo para as comunidades locais. Exige integração ao ambiente natural, cultural e humano, respeitando a frágil balança que caracteriza muitos destinos turísticos, em particular as pequenas ilhas e as áreas ambientalmente sensíveis.

Nesta perspetiva, o turismo sustentável, na sua vasta e complexa abrangência, envolve: compreensão dos impactes turísticos, distribuição justa de custos e benefícios, criação de empregos locais diretos e indiretos, fomento de negócios lucrativos, injeção de capital com consequente diversificação da economia local, interação com todos os sectores e segmentos da sociedade, desenvolvimento estratégico e logístico de redes de transporte, encorajamento ao uso produtivo de terras consideradas marginais (turismo no espaço rural), e auxílio para os custos de conservação ambiental (BENI, 2004).

A multiplicidade de perspetivas, emergentes no percurso conceptual do turismo sustentável, apresenta como denominador comum a necessidade de rendibilização dos recursos para os turistas e para as populações hospedeiras, nas suas múltiplas vertentes, numa perspetiva de continuidade, que garanta às gerações vindouras o usufruto dos mesmos, seja o seu estatuto de hóspede ou de anfitrião. Por conseguinte, a sustentabilidade turística implica três aspetos interdependentes: o sucesso comercial e económico, a contenção, preservação e o desenvolvimento ambiental, e a responsabilidade para com a sociedade e com os seus valores culturais. O equilíbrio da relação entre o sistema económico e a sua envolvente, integrando-se nesta a componente natural, sociocultural e edificada, é fundamental para garantir a utilização dos recursos por parte das gerações atuais. O uso contemporâneo é um direito que assiste às populações atuais, em nome do seu bem-estar e qualidade de vida, mas que pressupõe uma racionalidade no uso que impeça o esgotamento e a degradação do património, evitando-se, desta forma, os custos intergeracionais e permitindo o acesso às gerações vindouras.

O respeito pelos valores e princípios anteriormente referidos pressupõe políticas e práticas de planeamento conducentes à sustentabilidade dos destinos turísticos, no âmbito de um modelo de desenvolvimento que garanta simultaneamente a sua competitividade. De acordo com GOELDNER e RITCHIE (2009:441), o bom planeamento deve ser baseado num profundo entendimento dos fatores determinantes para o sucesso dos destinos, ao que se acrescenta que este apenas será possível no âmbito de um modelo que envolva todos os *stakeholders*, e em que os processos e os resultados sejam partilhados e aceites pela população, numa lógica que impeça a emergência de anti-corpos na comunidade anfitriã, devendo esta ser entendida como um recurso turístico e uma peça fundamental na qualidade da experiência turística.

Para além da definição do conceito e da sua operacionalização, é igualmente necessário a construção de um referencial de avaliação que permita estabelecer o grau de sustentabilidade (GARROD e FYALL, 1998). A importância de encontrar regras objetivas para definir a sustentabilidade é referida claramente por MCKERCHER (1993), que defende a necessidade de rapidamente se definirem objetivos mensuráveis, pois quanto mais tempo se utilizar um referencial subjetivo, maiores são as probabilidades deste ser interpretado de maneiras distintas pelos diversos intervenientes na indústria turística, de acordo com a sua ideologia e os seus interesses. A multiplicidade de interpretações, ao invés de resolver a questão dos recursos, irá despoletar sérios conflitos, atitudes e ações díspares que legitimarão a atuação dos dissidentes, atuantes num cenário de ausência da uniformidade de critérios.

Neste contexto, e no âmbito de processo de desenvolvimento turístico, propõe-se a construção do Observatório para a Sustentabilidade Turística (OST). A monitorização da sustentabilidade turística no âmbito do OST pressupõe a conceção e alimentação do SISTUR - Sistema de Informação Turística, integrado por um sistema de indicadores e índices e por uma base de “boas práticas” nacionais e internacionais.

Monitorização do desenvolvimento turístico

Neste contexto, um passo fundamental em direção à sustentabilidade no turismo é a existência de um sistema de monitorização e de avaliação, que permita reintegrar continuamente no desempenho o *feedback* contínuo proveniente destes processos, numa atitude de reprodutibilidade. Os mais recentes modelos de pla-

neamento turístico, nomeadamente o da “Terceira Via para o Planeamento Turístico” da autoria de Peter Burns (BURNS, 2004), evidenciam a necessidade de avaliação constante nos vários momentos do processo, para que seja viável a correção dos desvios em tempo útil.

A monitorização vai mais longe, pois não faz somente uma avaliação individualizada dos projetos, fazendo uma análise de conjunto que recai sobre a coerência e sobre a integração entre as partes em nome da sustentabilidade do todo. A monitorização envolve a análise do estado ou situação de um determinado fenómeno em relação a metas, expectativas e objetivos particulares. Os indicadores utilizados para fazer a monitorização podem ajudar a comunidade, a indústria, os países, a definirem os seus objetivos de sustentabilidade, a definirem o seu próprio conceito de sustentabilidade, a constatarem o progresso que foi feito, bem como as áreas prioritárias de intervenção. Em suma, um sistema de monitorização da sustentabilidade ajuda a transformar um conceito indistinto num claro conjunto de objetivos mensuráveis, a partir dos quais o progresso é medido, a informação é gerada e o conhecimento é transformado em ações positivas conducentes a um modelo de desenvolvimento turístico cada vez mais sustentável. No entanto, monitorizar um conceito multidimensional como o de turismo sustentável comporta riscos, complicações e desafios. Definir um modelo de monitorização e um conjunto de indicadores de referência pode ser um processo complexo e moroso, e a sua conceção, tal como a sua aplicação, exigem um conjunto de profissionais com conhecimentos científicos e práticos aprofundados (MILLER e TWINING-WARD, 2006).

A monitorização da sustentabilidade surgiu na sequência da própria definição do conceito, mas foi no âmbito da Agenda 21 que se deu ênfase à necessidade de existir um conjunto de indicadores para proceder à sua monitorização. Em 1996, as Nações Unidas publicaram “*Indicators of Sustainable Development Framework and Methodologies*”, e a partir daí os sectores público e privado, em inúmeros países, construíram o seu próprio sistema de monitorização da sustentabilidade.

No sector do turismo, os sistemas de monitorização da sustentabilidade têm fortalecido a confiança e estimulado a comunicação entre os vários *stakeholders*, possibilitando a discussão, a identificação de prioridades, a descoberta de caminhos e de modelos de gestão guiados por sólidos princípios de sustentabilidade. A confiança das comunidades no processo de desenvolvimento tende a aumentar na presença de um sistema de monitorização da sustentabilidade turística, sendo que a sua ausência poderá conduzir a grandes dificuldades

operacionais, estruturais e culturais. Em paralelo com o acesso e com a posse da informação surge o *empowerment*, permitindo o processo de desenvolvimento de indicadores um grande entendimento sobre o que é importante e necessário para uma região ser sustentável do ponto de vista turístico.

Na realidade, existem poucos exemplos práticos da monitorização da sustentabilidade turística, ainda que para a indústria turística este não seja um processo inovador, pois desde há longos anos são utilizados indicadores convencionais, tais como o número de chegadas, a duração da estada e as receitas turísticas. A inovação reside na utilização de indicadores de sustentabilidade, em detrimento dos indicadores convencionais, pois somente na segunda metade da década de noventa, um número crescente de investigadores começou a constatar a necessidade de desenvolver um conjunto de indicadores de turismo sustentável, que estabelecesse a conexão entre o turismo e os sistemas económico, ambiental e social dos destinos (MOWFORTH e MUNT, 1998; WEAVER, 1998; SWARBROOKE, 1999; SIRAKAYA *et al*, 2001).

A definição dos indicadores de sustentabilidade tende a centrar-se na avaliação de impactes, relegando para segundo plano os indicadores do processo de construção da sustentabilidade, tendo a Organização Mundial de Turismo (OMT), mais do que qualquer outro organismo, contribuído para o avanço do estudo dos indicadores de sustentabilidade turística. De uma abordagem limitada a um conjunto restrito de indicadores de impacto, adotada nos estudos iniciais do *Tourism and the Environment Committee*, passou-se para uma outra muito mais abrangente e compreensiva, presente no seu último trabalho, *Indicators of Sustainable Development Tourism Destinations - A Guidebook*, datado de 2004 (WTO, 2004). Apesar deste esforço no sentido do aperfeiçoamento do processo de construção de indicadores de sustentabilidade turística, continua a existir uma tendência para tratar separadamente a dimensão económica, social e ambiental.

O processo de monitorização da sustentabilidade turística é complexo e faseado. Após a conceptualização do turismo sustentável, deve-se definir os limites sectoriais, espaciais e temporais da monitorização, o tipo de indicadores, a forma para identificar e organizar a informação, o modelo de análise e interpretação dos dados, e assegurar a interligação entre o sistema de monitorização e a ação política. No entanto, e apesar da popularidade dos indicadores e da aparente standardização do processo, existem riscos envolvidos e existem algumas desconfianças sobre a validade desta

abordagem. Na realidade, trata-se de uma dúvida razoável, na medida em que a escolha dos indicadores é subjetiva e o processo passa pelo recurso a um grupo limitado de indicadores para avaliar um sistema extremamente complexo. Desta forma, os indicadores devem ser encarados como um complemento e não um substituto de rigorosos estudos científicos sobre os processos de desenvolvimento turístico (MILLER e TWINING-WARD, 2006).

O modelo e a estrutura do Observatório para a Sustentabilidade Turística

Face ao exposto, e tendo presente as limitações do processo, considera-se que é aconselhável a construção de um sistema de monitorização da sustentabilidade turística, inerente ao processo de planeamento e desenvolvimento turístico, a que se dará o nome de Observatório para a Sustentabilidade Turística (OST), devendo a conceção do modelo, a seleção dos indicadores e a sua operacionalização, pelas inúmeras exigências técnico-científicas que lhe estão subjacentes, ser liderada por um organismo público no âmbito de uma estrutura plural, na qual deverão estar representadas as organizações públicas e privadas que se encontram ligadas ao sector turístico na unidade territorial em estudo, recorrendo-se à consultadoria científica de entidades externas para controlo da qualidade total.

O OST tem como objetivo geral “monitorizar e prospetivar o desenvolvimento turístico de uma unidade territorial, numa perspetiva de sustentabilidade, de forma a minimizar os impactes negativos que possam ocorrer durante o processo, nomeadamente a nível ambiental e cultural, e a maximizar as suas potenciais mais-valias”. Trata-se de um projeto que exige a compilação de informação, a seleção de um conjunto de indicadores e a construção de um conjunto de índices, que transmitam aos vários *stakeholders*, em tempo útil, a informação síncrona e diacrónica necessária para reagir pro-ativamente em relação à sustentabilidade do processo de desenvolvimento turístico.

A consecução do objetivo que norteia a sua existência e funcionamento, far-se-á através das seguintes atividades:

- Recolha, tratamento e análise de informação de diferentes âmbitos;
- Criação de um sistema de monitorização e avaliação do desenvolvimento turístico;
- Criação de um *website* sobre o desenvolvimento turístico da unidade territorial;

- Realização de estudos e trabalhos de investigação, que contribuam para um conhecimento mais aprofundado sobre o turismo sustentável e os modelos de desenvolvimento e planeamento a ele inerentes;

Estudo e análise das boas práticas de desenvolvimento turístico;

- Produção de relatórios/artigos/estudos;
- Organização de seminários, conferências e outras ações de formação no âmbito das áreas de interesse do Observatório;
- Prestação da atividade de consultoria a organismos públicos e privados;
- Colaboração com outros observatórios e outras entidades nacionais, regionais no âmbito do objeto do Observatório.

A monitorização da sustentabilidade turística na unidade territorial em causa, no âmbito do OST - Observatório para a Sustentabilidade Turística, pressupõe o recurso a um sistema de informação (SISTUR - Sistema de Informação para a Sustentabilidade Turística), assente num conjunto de indicadores e de índices referentes às várias dimensões constituintes do conceito de turismo sustentável: económica, social, cultural e ambiental. Integrará, igualmente, uma base de “boas práticas”, que constituirá uma fonte de inspiração para as políticas e práticas de planeamento e desenvolvimento turístico nesta unidade territorial.

O planeamento e a operacionalização do SISTUR são determinantes para a qualidade das atividades a desenvolver pelo OST. Desta relação decorre a necessidade de considerar a complexidade do ambiente da envolvente da área de atuação, bem como as políticas e as práticas de interação com o planeamento e o desenvolvimento turístico, sendo necessário dotar o OST dos meios humanos e materiais, conferindo uma atenção particular à filosofia subjacente à componente de informação.

O SISTUR deve permitir o registo, recuperação, tratamento e disseminação da informação, devendo estar, para o efeito, estruturado de modo lógico, relacional e interativo, constituindo uma estrutura autónoma de transferência eletrónica de dados que facilite a manipulação simultânea de vários tipos de informação, e que permita gerar sinergias comunicacionais entre a própria estrutura do OST e as entidades públicas e privadas, enquanto beneficiários intermédios e finais das fontes de informação. Considerando a importância da informação como um ativo de valor estratégico para o OST, esta deve ser tratada e sistematizada com base no princípio da otimização da qualidade, o que pressupõe que seja precisa, oportuna, completa e concisa.

Face ao exposto, e pensando o OST como o resultado da integração de recursos humanos, equipamentos e informação, há que concluir que o SISTUR deve garantir uma circulação eficiente de informação, tanto interna como externa, para que a monitorização da sustentabilidade turística esteja ao serviço de todos os *stakeholders*, funcionando como um mecanismo de promoção de qualidade, com impactes na própria oferta turística presente e futura. Veja-se de forma mais pormenorizada cada uma das dimensões deste sistema de informação, bem como uma proposta de indicadores e índices:

Base de boas práticas

A análise de boas práticas, ou *benchmarking*, em planeamento e desenvolvimento turístico constitui uma fonte de inspiração, corrobora a viabilidade da teoria e permite, passo a passo, alcançar a excelência. Esta atitude impulsiona um constante aperfeiçoamento, encontrando nos planos já concretizados exemplos da operacionalidade dos modelos, dos seus impactes positivos e negativos, do que deve ser seguido e do que deve ser evitado. Trata-se de uma postura de aprendizagem constante, que permite vislumbrar oportunidades e ameaças, constituindo um atalho para a excelência, através da utilização de todo um trabalho intelectual e prático anteriormente acumulado por outras organizações e comunidades, e que contribui para a rentabilização do investimento. O reconhecimento

da validade desta experiência levou as Nações Unidas a instaurar o *Programa das Boas Práticas*, que teve a sua origem na Segunda Conferência das Nações Unidas sobre Comunidades Humanas (HABITAT II), realizada em Junho de 1996, em Istambul, na Turquia. A operacionalização do programa impôs a identificação, pelos Comitês Nacionais, de exemplos de boas práticas nos seus respetivos países, de forma a identificar políticas e atuações urbanas que se tivessem revelado eficazes, dentro dos critérios de sustentabilidade, na melhoria das condições de vida das cidades e dos povos. As boas práticas constituem contribuições de destaque para melhorar a qualidade de vida e de sustentabilidade das comunidades, sendo entendidas, pelas Nações Unidas e pela comunidade internacional, como iniciativas bem sucedidas que têm um impacte tangível na melhoria da qualidade de vida das pessoas, resultando de uma parceria entre as populações, o sector público e o sector privado, e sendo sustentáveis do ponto de vista cultural, social, económico e ambiental.

As boas práticas em turismo exigem o mesmo conjunto de pressupostos, mas associa-se-lhe a manutenção e o crescimento da capacidade de atração turística dos destinos. A análise de boas práticas em turismo pode revelar-se uma ferramenta extremamente útil para a sobrevivência e o desenvolvimento dos destinos turísticos. Atualmente, a globalização do turismo, a eliminação de algumas barreiras (físicas, cambiais, administrativas), e a existência de uma procura cada vez mais exigente, impõem uma cada vez maior qualidade nos produtos, nos serviços e nas infraestruturas turís-

Quadro I

Indicadores de sustentabilidade turística, segundo a WTO

Indicadores	Instrumentos de medida específicos
Proteção da natureza	Categoria de proteção do local de acordo com os índices da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN)
Pressão	Número de turistas que visitam o local (por ano e por mês)
Intensidade de uso do solo	Intensidade do uso do solo (pessoa/hectare por período de tempo)
Impacte social	Ratio turista/habitante (média, por período de tempo)
Controle de desenvolvimento	Existência de procedimentos para estudar o ambiente e para controlar o planeamento e a densidade do uso
Gestão do desperdício	Percentagem de água tratada e reutilizada
Processo de planeamento	Existência de um plano sistemático para a região, com enfoque na componente turística.
Fragilidades do ecossistema	Número de espécies raras, ameaçadas ou em vias de extinção
Satisfação do consumidor	Grau de satisfação dos turistas (aferido por questionário)
Satisfação dos habitantes	Grau de satisfação dos habitantes (aferido por questionário)
Contributo do turismo para a economia local	Proporção entre o rendimento do turismo e o rendimento global
Índices compostos	
Capacidade de carga	Instrumento de medição composto destinado a avaliar o estado de fatores chave determinantes na capacidade da região para suportar determinados níveis de turismo
Distúrbio do local	Instrumento de medição composto dos níveis de impacte no local (isto é nas suas características naturais e culturais sujeitas à pressão da atividade turística)
Interesse	Instrumento de medição qualitativo das características do local que são atraentes do ponto de vista turístico e que estão sujeitas a mudanças ao longo do tempo.

Fonte: WTO, 1996:12.

Quadro II

Indicadores sobre políticas de sustentabilidade, segundo a VISIT

Descrição do indicador	Medida
A.1. Existência de uma política local de reforço da sustentabilidade do destino	A.1.1. Existência de uma estratégia política de decisão (Sim/Não) A.1.2. Existência de um plano de ação (Sim/Não) A.1.3. Número de dimensões contempladas no plano de ação: transportes; uso da terra e biodiversidade; energia; água; resíduos; aspetos sociais; aspetos económicos.
A.2. Envolvimento dos <i>stakeholders</i>	A.2.1. Os <i>stakeholders</i> estão continuamente envolvidos no planeamento, na revisão e na monitorização da estratégia de sustentabilidade (Sim/Não) A.2.2. Existe recursos humanos afetos à implementação da estratégia de sustentabilidade, à sua monitorização e avaliação (n.º de elementos)
A.3. Existência de um inventário de sítios com interesse cultural	A.3.1. Ex: monumentos, edifícios, UNESCO, património
A.4. Existência de um inventário de sítios com interesse natural	A.4.1. Ex: áreas protegidas, habitats, áreas vulneráveis, Natura 2000: (Sim/Não).
A.5. Número de produtos turísticos com rótulo ecológico e de instalações e equipamentos que têm sistemas de gestão ambiental (como a EMAS - <i>Eco-Management and Audit Scheme</i> ou a ISSO 1400)	A.5.1. Incluindo hotéis, restaurantes, parques de campismo ou outros serviços turísticos
A.6. Número de praias com Bandeira Azul em relação ao número total de praias	

Fonte: ECOTRANS, 2004:10.

Quadro III

Indicadores de desempenho ambiental, segundo a VISIT

Descrição do indicador	Medida	
B.1. Transporte Turístico (acesso ao destino e viagem de regresso, mobilidade local)	B.1.1 Cota de transportes ecológicos face a todas as chegadas	B.1.1.1. Número de turistas (com permanência de pelo menos de uma noite) por meio de transporte utilizado (carro, avião, comboio, autocarro, barco ou bicicleta) B.1.1.2. Número de dias em que os visitantes utilizam cada meio de transporte: carro, avião, comboio, autocarro, barco ou bicicleta
	B.1.2. Número de visitantes/dia por Km ²	B.1.2.1. Tabela mensal com os visitantes/dia B.1.2.2. Tabela mensal com o número de refeições/dia servidas nos restaurantes
	B.1.3. Mobilidade local	B.1.3.1. Tabela mensal com o número de utilizadores dos transportes públicos locais B.1.3.2. Percentagem de alojamentos, serviços turísticos e atrações turísticas acessíveis por transporte público (a menos de 10 m de distância a pé da paragem mais próxima) B.1.3.3. Meios de transporte específicos para turistas (tipo de transporte e número de lugares disponíveis por mês)
B.2. Capacidade de Carga - uso da terra, biodiversidade e atividades turísticas	B.2.1. Densidade populacional máxima por Km ²	B.2.1.1. Tabela do número de população total (incluindo turistas) por mês
	B.2.2. Camas em segunda habitação (em relação ao total da capacidade de alojamento %).	B.2.2.1. Capacidade de alojamento, por tipos
	B.2.3. % de área de construção face às áreas naturais	B.2.3.1. Tipos de áreas de destino (construídas, reservadas para construção, áreas verdes, floresta)
	B.2.4. Dimensão das áreas naturais protegidas (em % do total da área de destino)	B.2.4.1. Área total das áreas naturais protegidas (com qualquer tipo de grau de proteção) por Km ²
	B.2.5. Evolução das atividades de lazer de uso intensivo dos recursos	B.2.5.1. Área total de campos de golfe (Km ²) B.2.5.2. Número de golfistas por ano B.2.5.3. Capacidade dos portos e marinas (número de barcos a motor) B.2.5.4. Número de motas de água ou de outros equipamentos similares relacionados com desportos na água
	B.2.6.% de costa natural	B.2.6.1. % do comprimento de costa natural (sem construção a um 1 km da água) em relação ao total de comprimento de costa
B.3. Uso de energia	B.3.1. % de consumo de energia renovável em relação ao total de consumo de energia	B.3.1.1. % de energia renovável consumida por ano
	B.3.2. Energia consumida por tipo de serviços turísticos	B.3.2.1. Total do consumo de energia por ano, por tipo de serviço turístico (alojamento, serviços, turismo, meios de transporte turísticos), e por nº de utilizadores
B.4. Uso da água	B.4.1. Uso sustentável da água	B.4.1.1. % de água tratada e reutilizada face ao consumo total de água
	B.4.2. % de casas e serviços turísticos com ligação a sistemas de tratamentos de águas residuais	B.4.2.1. % de casas e serviços turísticos com ligação a sistemas de tratamento de águas residuais
B.5. Gestão de resíduos sólidos	B.5.1. % de resíduos sólidos separado para reciclagem	B.5.1.1.% de domicílios onde os resíduos sólidos são separados para reciclagem B.5.1.2. % de recolha de resíduos sólidos separados em relação ao total de resíduos sólidos
	B.5.2. Total de resíduos sólidos enterrados e/ou incinerados (toneladas)	B.5.2.1. Total de resíduos sólidos enterrados e/ou incinerados (toneladas)
	B.5.3. Tabela mensal com a produção de resíduos	B.5.3.1. Tabela mensal com a produção de resíduos

Fonte: ECOTRANS, 2004:10-12.

Quadro IV

Indicadores de desempenho social e cultural, segundo a VISIT

Descrição do indicador	Medida
C.1. % de empregados não residentes no sector do turismo em relação ao número total de empregos no sector do turismo	C.1.1. % sazonal de empregados não residentes em relação ao n.º total de empregos no turismo
C.2. Duração média dos contratos de trabalho no turismo	
C.3. % de residentes em relação aos não residentes	
C.4. Número de furtos registados	
C.5. Ratio entre o número de turistas e o n.º de população hospedeira	

Fonte: ECOTRANS, 2004:12.

Quadro V

Indicadores de desempenho económico, segundo a VISIT

Descrição do indicador	Medida
D.1. Variação sazonal dos empregos relacionados com o turismo	Nº de empregos relacionados com o turismo na época alta/época baixa em relação ao total de emprego no destino
D.2. Cota do turismo no PIB da região	
D.3. Variação sazonal da taxa de ocupação do alojamento	
D.4. Capacidade total de alojamento <i>per capita</i> da população residente	
D.5. Duração média da estadia dos turistas	

Fonte: ECOTRANS, 2004:12.

ticas. No caso dos destinos emergentes, a análise de boas práticas possibilita uma afirmação pela diferença e evita a repetição de erros já anteriormente cometidos, sendo para os destinos maduros bem sucedidos uma via para a manutenção do seu estatuto e para o aumento da sua competitividade, e para os destinos em declínio, a que se impõe uma requalificação, uma fonte de inspiração para possíveis abordagens.

Base de indicadores e índices

Neste contexto, há que salientar que os indicadores são apenas um dos pilares de suporte ao turismo sustentável e à sua gestão, não se podendo olvidar que a sua eficiência plena está condicionada pela existência de uma estrutura de planeamento, utilizadora da informação e responsável pela sua incorporação em futuras decisões, pela definição prévia de valores de referência, que constituam uma base comparativa, e pela monitorização, análise e reporte contínuos (WTO, 1996:21-22). Ainda assim, a informação veiculada pelos vários indicadores e índices é imprescindível para a tomada de decisão inicial, para a correção dos desvios e para a avaliação do processo de desenvolvimento turístico, pelo que se considerou pertinente a introdução de duas sugestões neste âmbito.

A base de indicadores e índices que se apresenta é uma transcrição do sistema da OMT - Organização Mundial de Turismo e do modelo da VISIT - *Voluntary Initiatives for Sustainability in Tourism*, constituindo um ponto de partida para a discussão sobre a monitorização e avaliação da sustentabilidade turística numa determinada unidade territorial que, pelas suas características, constitui um destino turístico.

Em suma, o Observatório para a Sustentabilidade Turística será uma unidade técnico-científica, constituindo um instrumento orientado para o estudo sistemático, investigação, organização e difusão de informação e conhecimentos sobre o modelo de turismo sustentável, e os processos de planeamento e desenvolvimento a ele conducentes, com o objetivo de contribuir para a sua operacionalização da unidade territorial em que seja implementado. O seu funcionamento deverá ocorrer em estreita colaboração com uma estrutura direcionada para refletir e agir no âmbito do desenvolvimento turístico, num modelo biunívoco, devendo constituir uma ferramenta de suporte à consecução dos objetivos, e à tomada de decisão por parte deste organismo.

A sua missão consistirá essencialmente em identificar, caracterizar, analisar e avaliar as políticas e práticas de planeamento e desenvolvimento turístico, mas também disponibilizar aos atores regionais (autarcas, empresários, estabelecimentos de ensino, empreende-

dores), direta e/ou indiretamente relacionados com o sistema turístico, um cenário de excelência para a troca de experiências e de conhecimentos, que permita que o turismo sustentável seja um motor para o desenvolvimento da unidade territorial.

No âmbito desta proposta, reafirma-se a ideia de que é essencial a existência de um sistema de monitorização da sustentabilidade nos destinos turísticos, que contribua para a continuidade do próprio sistema turístico. O conjunto de indicadores e índices que se apresenta é exemplificativo, devendo servir de base para uma discussão aprofundada sobre a construção e implementação de um sistema de monitorização adequado a esta unidade territorial, uma vez que, apesar da análise do estado da arte e de boas práticas serem sempre inspiradoras, a conceção e operacionalização de um mecanismo desta natureza exige uma contextualização espacial e temporal, que lhe permita funcionar de acordo com as especificidades de cada destino turístico. A importação de modelos não é neste caso uma solução que pareça aconselhável, sobretudo se o objetivo for realmente monitorizar a sustentabilidade e não criar mais uma estrutura ineficiente, sendo que a Organização Mundial de Turismo, a este propósito, refere que os indicadores que são relevantes para a tomada de decisão dos gestores turísticos dependem das características de cada destino e da sua importância relativa para o turismo (WTO, 1996:9).

Bibliografia

- BENI, M. C. (2004) - "Como certificar o turismo sustentável?". *Revista Espaço Académico*, n.º 37, disponível: <http://www.espacoacademico.com.br> (acesso em 30-04-2010).
- BURNS, P. M. (2004) - "Tourism planning - A third way?" *Annals of Tourism Research*, vol.30/n.º1, Oxford, pp. 24-43.
- ECOTRANS (2004) - *The VISIT initiative: Tourism eco-labelling in Europe - moving the market towards sustainability*. ECOTRANS, Saarbrücken.
- GARROD, B. e FYALL, A. (1998) - "Beyond the rhetoric of sustainable tourism?". *Tourism Management*, vol.19/n.º3, Oxford, pp. 199-212.
- GOELDNER, C. R e RITCHIE, J. R. B (2009) - *Tourism - principles, practices, philosophies*. John Wiley & Sons, Inc, New Jersey.
- MCKERCHER, B. (1993) - "The unrecognized threat to tourism: can tourism survive "sustainability"?" *Tourism Management*, vol. 14/nº 2, Oxford, pp. 131-136.
- MILLER, G. e TWINING-WARD, L. (2006) - "Monitoring as an approach to sustainable tourism". In COSTA, C. e BUHALIS, D. (eds) *Tourism management dynamics - trends, management and tools*. Elsevier, Oxford, pp. 51-57.
- MOWFORTH, A. e MUNT, I. (1998) - *Tourism and sustainability: New tourism in the Third World*. Routledge, London.
- OMT - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL TURISMO (1998) - *Introducción al turismo*. Egraf, Madrid.
- SIRAKAYA, E., JAMAL, T. B. e CHOI, H. S. (2001) - "Developing indicators for destination sustainability". In WEAVER, D. B. (ed.) *The encyclopedia of ecotourism*, AB International, Oxford, pp. 411-431.
- SWARBROOKE, J. (1999) - *Sustainable tourism management*. CABI Publishing, London.
- WTO - WORLD TOURISM ORGANISATION (1996) - *What tourism managers need to know - A practical guide to the development and use of indicators of sustainable tourism*. WTO, Madrid.
- WTO - WORLD TOURISM ORGANISATION (2004) - *Indicators of sustainable development for tourism destinations - A guidebook*. WTO, Madrid.